

4 poemas de **Antonio Aílton**

O prisioneiro

Preso, Bob não pode defender sua ração dos ratos. Bob esgota sua paciência e não fode mais cadelas há muito tempo. Apenas se lambe furtivo e ganido, na solidude amarga das pulgas. Os gatos vêm rir de Bob: de dia, tomam sol e se lambem no telhado baixo para o qual Bob salta raivoso, sem os alcançar para o estraçalho; de noite se lambem no telhado de Bob, e Bob apenas presente a rinha malévola. Olham Bob e se espicham, fingem que se armam, que caçam os ratos que roubam a ração de Bob. “Bob, velho cão sonolento, puah”. Bob não lê livros ou revistas, não assiste a televisão, não canta, não toma sol. Bob não é um cão depressivo, mas se pergunta o que é tão mais importante que um pedaço de carne, o que poderia ser tão mais importante que a liberdade, que foder, por exemplo (claro que ele é um animal e só conhece esta palavra. Também lembra das velhas revistas em inglês *fuck yes*); o que seria mais importante que até mesmo brincar como as crianças fazem se espojando na areia. Bob provavelmente morrerá dentro de alguns dias enquanto alguns homens argumentariam e contra-argumentariam sobre a condição de Bob de ser Cão. Enquanto Cão geral, claro, sobre sua possível existência ou inexistência no universo empírico, ou enquanto “objeto teórico formalmente situado”, e sua possível formulação. A tese: “Bob, cão sem fronteiras”.

(*Compulsão Agridoce* - Paco Editorial, 2015)

Anotações do psiquiatra desordenado

○ que os homens esperavam o que os cães
○ que as mulheres esperavam dos homens, o que esperava
o homem que vinha toda tarde chapado de esquinas
o que o velho resmungava coçando a braguilha dentro do sobrado
enquanto o velho sobrado havia sido despachado vazio
para NY
ou para alguma cidade solapada pela especulação chinesa
○ que uma perna minada esperava com hérnia de disco
muleta na entrada do bar copo de cachaça de jenipapo
○ que os pais esperavam quando os filhos chegassem
[três horas depois da *ordem*
○ que o amor cansado esperava depois das fraldas geriátricas
○ que os processos 3023 4532 0012 ∞ esperavam
na cesta de verduras da Secretaria das Mulheres Desmaridadas
○ que a estudante apertava entre as pernas para não nascer antes da hora
○ que os cornos esperavam crescendo na chacota do abandono
○ que nossa certeza esperava para ser criada pelo *Boson de Higgs*
○ que a chuva esperava para responder aos cofres públicos
○ que o lagarto esperava da menina que lhe esmagou
[com a bicicleta rósea
○ que a esposa esperava guardando o vestido da sorte
○ que se esperava após a tesoura umbilical
○ que se esperava
de uma flor depositada num copo de silêncio
antes que começassem a cair suas pétalas
○ que se espera do que se guarda
e se acumula
sem chamar um taxi uma viatura uma ambulância
[um coletor de lixo
Tudo está depositado em nós, acumuladores de esperanças

(*Compulsão Agridoce* - Paco Editorial, 2015)

Idade dos metais

Ao amanhecer por entre as ruas,
o sol tropeçou em dois cadáveres.

Sobras da noite inoxidável,
a catadora de latinhas
tem mais coisas a fazer.

(*Os dias perambulados & outros tOrtos girassóis*, Fundação de Cultura do Recife, 2008)

Escritos aleatórios para máscaras e incertezas

Flor é a palavra flor, não por dizer, mas por silenciar

Flor é o crisântemo aceso, aguardando com ansiedade
a visitante tardia

Flor é o bicho de Lígia Clark quando você toca
e ele se abre

Flor é a orelha decepada de tuas obsessões psicosexuais
derramando girassóis no ocaso para espantar os
últimos corvos
(há sempre relações possíveis entre flores e navalhas)

Flor: rã de Patrick Süssekind na vulvinha virgem da próxima vítima
engolindo insetos e aspirando o hálito ainda quente de um
perfume desconhecido

Há flores que nascem no estrume das feiras livres de Paris

Mas não exagere em arte conceitual, chá de papoula é
natureza morta

pintada de amarelo

(Os dias perambulados & outros tOrtos girassóis,
Fundação de Cultura do Recife, 2008)

Antonio Aílton, maranhense, professor, poeta e ensaísta. é doutorando em Teoria da Literatura pela UFPE, Mestre em Educação [ênfase em Cultura e Imaginário] pela UFMA, Especialista em Crítica da Literatura Contemporânea, pela UEMA, e graduado em Letras - UFMA. Entre suas publicações tem *Compulsão Agridoce* (Poesia - Paco Editorial, 2015) *Os dias perambulados & outros tOrtos girassóis* (2008, Prêmio Cidade do Recife de Poesia), *As Habitações do Minotauro* (Poesia, 2001 - Prêmio Cidade de São Luís) e *Humanologia do eterno empenho: conflito e movimento trágicos em A Travessia do Ródano, de Nauro Machado* (Fundação de Cultura do Município, Prêmio Cidade de São Luís). É colaborador do *Suplemento Literário e Cultural JP Guesa Errante*, de São Luís do Maranhão.
E-mail: ailtonpoiesis@gmail.com